

Editorial

Professora Maria Izabel
Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP



A explícita violação do direito à saúde e à educação no Brasil está chegando ao fim, com o término da pior governação da História do País. Os ataques à Ciência, as fake news sobre as vacinas e a criminalização do ativismo, que denuncia e reivindica direitos, tornaram-se fatos rotineiros para os brasileiros neste período e prejudicaram imensamente o combate às pandemias, além de estigmatizarem ainda mais a luta contra a Aids.

Neste momento em que o Brasil volta a sonhar e trabalhar pela reconstrução, ativistas, cientistas e professores já atuam sob melhores perspectivas, sem desistir de lutas históricas, como o aprimoramento do Sistema Único de Saúde, a defesa do Iamspe e a eliminação de preconceitos, que ainda atingem portadores do HIV e outras doenças.

A APEOESP atuou com protagonismo nesta página infeliz da nossa História, denunciando o processo que levou o Poder Público a omitir-se diante da tragédia sanitária de uma pandemia.

O Sindicato leva agora aos professores a 9ª edição do seu Boletim Laço Vermelho, dedicado ao Dia Mundial de Luta Contra a Aids e, como sempre, alinhado às diretrizes do Unids, o Programa Conjunto das Nações Unidas Sobre HIV/Aids.

Além da pandemia do coronavírus, que tirou a vida de aproximadamente 700 mil brasileiros, ainda enfrentamos sequelas destes anos de autoritarismo, como a eleição de Tarcísio de Freitas (Republicanos), herdeiro político do derrotado Jair Bolsonaro para o governo de São Paulo. A luta e o luto fazem-nos lembrar de um poema que o reverendo inglês John Donne escreveu no século XVII: “a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte da humanidade. Por isso, não perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti.” Boa leitura!

Dia Mundial da AIDS 2022: EQUIDADE JÁ



As desigualdades que perpetuam a pandemia de Aids não são inevitáveis; nós podemos enfrentá-las. No Dia Mundial Contra a Aids, celebrado em 1º de dezembro, o UNAIDS encoraja cada um de nós a se contrapor às desigualdades que estão impedindo o progresso para acabar com a Aids.

O tema “Equidade já” é uma chamada à ação. É um convite para que todos possam colocar em prática as ações efetivas necessárias para combater as desigualdades e, assim, ajudar a acabar com a Aids. Estas ações incluem:

- Aumentar a disponibilidade, qualidade e adequação dos serviços, para o tratamento, testagem e prevenção do HIV, a fim de que todas as pessoas sejam bem atendidas.
- Reformar leis, políticas e práticas para superar o estigma e a discriminação experimentados pelas pessoas que vivem com HIV e Aids e das principais populações marginalizadas, para que todos sejam atendidos corretamente e com respeito.
- Assegurar o compartilhamento de tecnologias para possibilitar o acesso equitativo das comunidades e diferentes regiões de países desenvolvidos, e

de baixa e média renda ao melhor da ciência relacionada ao HIV.

As comunidades poderão utilizar e adaptar a mensagem “Equidade já”, para destacar as desigualdades específicas que enfrentam, e encorajar as ações necessárias para solucioná-las.

Vidas em risco

Dados do Unids sobre a resposta global ao HIV revelam que durante os últimos dois anos, pontuados pela COVID-19 e outras crises globais, o progresso da resposta à pandemia da AIDS tem falhado e os recursos têm diminuído. Como resultado, milhões de vidas estão em risco.

Após quatro décadas de resposta ao HIV, as desigualdades ainda são persistentes nos serviços mais básicos, como prevenção, diagnóstico, tratamento e, principalmente, no acesso às novas tecnologias.

As mulheres jovens na África continuam sendo afetadas de forma desproporcional pelo HIV, enquanto a cobertura de programas dedicados a elas permanece excessivamente baixa. Em 19 países africanos com alta incidência de HIV, programas de prevenção combinada, destinados a meninas adolescentes e mulheres jo-

vens, operam em apenas 40% das localidades com alta incidência de HIV.

Apenas um terço das populações-chave – incluindo homens gays e outros homens que fazem sexo com homens, pessoas trans, pessoas que fazem uso de drogas, profissionais do sexo e pessoas em privação de liberdade – têm acesso regular à prevenção do HIV. Populações-chave enfrentam ainda grandes barreiras jurídicas, incluindo criminalização, discriminação e estigma.

Meta

Faltam apenas oito anos para o fim do prazo da meta de acabar com a AIDS como uma ameaça global à saúde. As desigualdades econômicas, sociais, culturais e jurídicas devem, portanto, ser tratadas com urgência. Em uma pandemia, as desigualdades aumentam os perigos para todas as pessoas.

De fato, o fim da Aids só pode ser alcançado se lidarmos com as desigualdades que a impulsionam. As lideranças mundiais precisam agir com ousadia e responsabilidade.

Sugestão de aula:



O Unids - Programa Conjunto das Nações Unidas Sobre HIV/Aids - publica materiais informativos para as atividades do Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Download no site <https://unids.org.br/dia-mundial-da-aids/>



Acordo Pandêmico é desafio global para garantia da saúde



O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, chega ao G20, realizado na Indonésia

A crise provocada pela pandemia e a guerra na Ucrânia afetaram o combate à Aids e a meta de acabar com a ameaça global da doença, nos próximos oito anos. Em 2021, o mundo ainda registrou uma morte por minuto, em decorrência do HIV/Aids. Não por coincidência, o relatório mais recente divulgado pelo UnAids foi intitulado In Danger (Em Perigo).

As superbactérias resistentes aos antibióticos e o surto global de MPOX somados às novas variantes do coronavírus, que recentemente desencadearam mais uma onda de contaminação no Brasil, são alguns dos sinais de que o mundo tem urgência de trabalhar na prevenção e preparação para o enfrentamento de futuras pandemias. O desafio foi tema de 17ª Reunião de Cúpula do G20, que aconteceu em Bali, na Indonésia, nos dias 15 e 16 de novembro; pela primeira vez, sem a participação de um presidente brasileiro, já que o candidato derrotado Jair Bolsonaro não foi ao encontro.

G20

A Organização Mundial da Saúde defendeu, durante o G20, que o financiamento da saúde é um investimento de longo prazo, não uma despesa, como muitos políticos insistem em defender na elaboração de políticas públicas. Os 194 Estados-Membros da OMS comprometeram-se a apresentar uma nova convenção de resposta a pandemias.

Segundo a Organização, a decisão foi impulsionada pela necessidade de garantir que comunidades, governos e todos os setores da sociedade estejam preparados para reduzir a grande perda de vidas humanas, os prejuízos às famílias e os impactos econômicos registrados durante a pandemia do coronavírus.

No centro do acordo proposto no G20 está a necessidade de garantir a equidade no acesso à prevenção de doenças, incluindo tecnologias como vacinas, equipamentos de proteção individual, informações e conhecimentos, e também os cuidados de saúde para todas as pessoas.

O chamado Acordo Pandêmico deve focar ainda em questões como as mudanças climáticas e a insegurança alimentar e energética, que são desafios com impacto direto sobre a saúde global.

Sequelas

As autoridades reunidas em Bali debateram um futuro acordo, em um mundo ainda profundamente impactado pela pandemia do coronavírus. As mortes por pneumonia no Brasil, por exemplo, tiveram um aumento de 33,6% entre janeiro e outubro de 2022, em comparação ao mesmo período de 2021.

O dado, disponível no Portal de Transparência de Registro Civil, que informa nascimentos, casamentos e óbitos em todos os municípios brasileiros, soma-se a outros alertas, como as mortes por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG).

O índice de mortes pela Síndrome em 2022 ainda é muito elevado, se comparado ao período pré-pandemia. Em 2019, 1.298 brasileiros morreram após a SRAG; já nos primeiros dez meses deste ano, foram 6.596 óbitos.

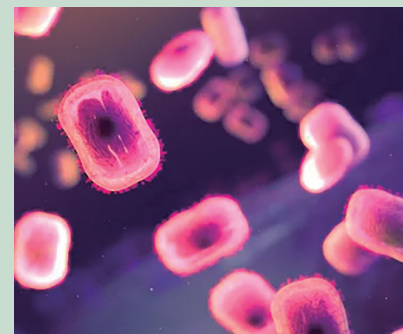
Os registros de Síndrome Respiratória que, assim como a pneumonia, também pode ser decorrente de diversos vírus e bactérias, são reflexo do quadro geral de óbitos do País, que ainda não retrocederam ao patamar anterior à pandemia. Nos dez primeiros meses de 2022, o índice de mortes no País foi 12,7% maior do que no mesmo período de 2019.

Além do elevado número de óbitos, a pandemia ainda deixou um grande número de pessoas com sequelas físicas e psicológicas, enfraquecidas pela Covid-19.

Nova onda

As internações causadas pela mais recente onda da doença cresceram seis vezes nas enfermarias e dobraram nas UTIs da capital paulista, no último mês de novembro, em relação a outubro. As subvariantes da Ômicron, responsáveis por esta onda, são mais transmissíveis, mas consideradas de menor gravidade. Segundo os especialistas, embora o uso de máscaras não seja mais obrigatório na maioria das ocasiões, ele é altamente recomendável no transporte público, em ambientes fechados e em aglomerações a céu aberto.

Atenção para a MPOX



Classificada como emergência de saúde global pela OMS, a MPOX, infecção conhecida como 'varíola dos macacos', é transmitida, na maioria dos casos, por contato íntimo e potencialmente perigosa para pessoas que já convivem com HIV/Aids ou que tenham a imunidade afetada por outras comorbidades. A doença foi renomeada pela OMS, no último mês de novembro, para evitar estigmas e incentivar a comunicação e a busca por prevenção e tratamento.

A Sociedade Brasileira de Infecologia já emitiu uma nota técnica recomendando a priorização das pessoas que convivem com o HIV na vacinação contra a doença, que provocou a morte de 11 pessoas no País e contaminou outras 9.475. Só no Estado de São Paulo, já foram mais de 4 mil casos de contaminação; aproximadamente 57% deles entre pacientes soropositivos.

A estratégia de imunização é bastante restrita e está focada apenas nos profissionais da saúde que atuam no atendimento a pacientes infectados com a varíola e para contatos próximos de pessoas contaminadas.

O Instituto Butantã firmou uma parceria com o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, para produzir no Brasil uma vacina contra a doença, que é considerada uma zoonose silvestre, ou seja, é provocada por um vírus que se manifesta em animais e pode eventualmente contaminar humanos.

Prevenção

Embora não seja tão facilmente transmissível quanto os vírus respiratórios, a MPOX também exige o isolamento das pessoas infectadas. Os sintomas iniciais são semelhantes a uma gripe, seguido de lesões cutâneas, que podem evoluir em diferentes graus. Os especialistas listam algumas medidas que podem diminuir o risco de transmissão, como evitar o contato com pessoas infectadas ou com suspeita de infecção, usar máscaras e higienizar as mãos.



O desafio pós-distopia de reverter retrocessos

Ativistas e Organizações Anti-Aids reuniram-se no final de novembro em São Paulo para reivindicar a reversão de corte de recursos para o tratamento de Aids/HIV, hepatites virais, tuberculose e outras doenças sexualmente transmissíveis. Derrotado à reeleição, Jair Bolsonaro (PL) retirou R\$ 407 milhões destinados à prevenção, controle e tratamento de Aids/HIV do Orçamento de 2023, em relação ao que foi destinado em 2022.

"É importante que a sociedade civil manifeste-se, para evitar o retrocesso e para que não piorem as políticas de prevenção e o atendimento às pessoas soropositivas", defende Harley Henriques, coordenador-geral do Fundo Positivo, organização que mobiliza recursos para financiar instituições que atuam na prevenção e cuidados em HIV/Aids.

Profissionais da Saúde e ativistas elaboraram uma carta-proposta para o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que enfrenta ainda outro gigantesco desafio na área, que é a ausência de indicadores sobre a imunização contra covid, especialmente de grupos prioritários, que é o caso dos soropositivos.

Sem oxigênio, sem médicos

O corte orçamentário e a queda na cobertura vacinal são alguns dos obstáculos deixados pela trágica gestão de Bolsonaro

960 mil têm HIV

Aproximadamente 960 mil brasileiros estão vivendo com HIV/AIDS, atualmente; quase 700 mil estão em tratamento. A boa notícia é que 95% dos que estão em tratamento já não transmitem o vírus por via sexual. No ano passado, 45 mil novos pacientes iniciaram a terapia antirretroviral, responsável pela redução do vírus a níveis indetectáveis.

De acordo com estimativa da ONU, ao longo do ano passado o Brasil teve 50 mil novos casos da doença. Mas, os boletins epidemiológicos indicam que a taxa de mortalidade por HIV/AIDS caiu 17,1% nos últimos cinco anos.

Os especialistas alertam que a adesão ao tratamento, em caso de diagnóstico positivo, são fundamentais para a redução do número de casos e óbitos. O Sistema Único de Saúde oferece a prevenção combinada, a Profilaxia Pré e Pós-Exposição ao HIV, preservativos e outros cuidados.



na Saúde, que teve quatro ministros; entre eles, um general do Exército, Eduardo Pazuello, investigado pelo Supremo Tribunal Federal por omissão na crise sanitária do Amazonas, um dos mais dramáticos episódios da pandemia, quando pacientes com Covid-19 morreram asfixiados pela falta de cilindros de oxigênio medicinal.

Agora, o Conselho Nacional de Saúde encaminhou carta à Relatoria de Saúde da ONU para denunciar a devastadora redução de recursos no setor, que enfrentou ainda outro golpe brutal, que foi o fim do Programa Mais Médicos, implantado pela presidenta Dilma Rousseff, em 2014. Pesquisa do Conselho de Secretários Municipais de Saúde do Estado de São Paulo revela que, com o fim do Programa, as Unidades Básicas de Saúde perderam mais de 2.200 médicos nos últimos anos, somente no Estado. Em todo País, estima-se que 15 mil médicos tenham sido retirados das periferias.

ONU lança campanha para incentivar imunização



"Vivemos uma realidade em que muitos cidadãos, portando um smartphone, se sentem especialistas em teses que vão da microbiologia à epidemiologia. Os dilemas centrais que vivíamos 15 ou 20 anos atrás tornaram-se anacrônicos, quando passamos a discutir, por exemplo, se uma mãe deve ou não levar o seu filho para vacinar contra a poliomielite", analisa Thiago Trapé, professor de Medicina da USP, no artigo "O SUS depois da distopia".

Atentos a esta realidade paralela imposta pelas fake news, uma rede de especialistas em Saúde lançou a Campanha #VacinaEMdia, que dissemina ações nas redes sociais de incentivo à imunização de rotina. Com a queda acentuada no índice de vacinação, do-

enças como poliomielite e sarampo voltaram às manchetes no País, recentemente.

Volta da poliomielite

A Organização Pan-Americana de Saúde alerta que o Brasil, ao lado de países como o Haiti e a República Dominicana, está em alto risco de reintrodução da poliomielite, cuja cobertura vacinal caiu para cerca de 79% no território nacional, o menor índice desde 1994.

Entre as ações da campanha, lançada no Dia Nacional de Vacinação, 17 de outubro, estão a publicação do quadrinho "O mundo antes da vacina", baseado em relato pessoal do roteirista, o cientista Wasim Syed, que envolve a vacina contra a poliomielite e ressalta a importância de cumprir toda a agenda de imunização, inclusive na vida adulta.

Realizada em parceria com os grupos União Pró-Vacina e Todos pelas Vacinas, a Campanha é uma ação global do Projeto Equipe Halo da ONU, que tem o objetivo de abordar a Ciência de forma clara e acessível.

Desde 2020, a Equipe Halo já atingiu mais de 14 milhões de visualizações em vídeos, além de produzir diversos conteúdos e intervenções através de colaborações com canais como o Futura, o TikTok, YouTube, Quebrando O Tabu, Portal Drauzio Varella, entre outros. Conheça esta iniciativa: <https://teamhalo.org/pt-br/>

Dicas de Leitura



A urgência de informações científicas credibilizadas levou dois títulos à final do Prêmio Jabuti 2022 e garantiu a um deles o primeiro lugar na categoria Ciências: "Um tempo para não esquecer: a visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde", que a médica Margareth Dalcolmo lançou pela Editora Bazar do Tempo.

Entre os cinco finalistas da categoria também está "Contra a realidade: A negação da Ciência, suas causas e consequências", livro da microbiologista Natalia Pasternak e do jornalista Carlos Orsi, lançado pela Papirus 7 Mares,

Já para descomplicar o tema para crianças e adolescentes, vale a pena o download do e-book "Fazendo Ciência no Brasil: Um Guia Para Estudantes", que explica como as pesquisas científicas são feitas e porque elas são tão importantes.



Filme retrata início da pandemia de Aids no Brasil



Renata Carvalho interpreta Rose, uma das 'combatentes' do filme "Os Primeiros Soldados"

Embora a metáfora da guerra esteja presente já no título, "Os Primeiros Soldados", filme do cineasta Rodrigo de Oliveira, apresenta os protagonistas em um momento de celebração, às vésperas do Ano Novo, em 1983.

O filme sobre o início da pandemia de Aids no Brasil já participou de mais de 40 festivais em todo mundo e foi exibido no Canal Brasil e no Instituto Moreira Salles. O trabalho da escritora e ativista norte-americana Susan Sontag, autora de "Aids e suas metáforas", inspirou a produção.

Em meio a rumores de uma nova doença, três jovens com a saúde abalada, por sintomas diversos e desconhecidos, isolam-se em um sítio. Não há menção à transmissão do HIV e o vírus nem sequer é mencionado, exatamente como acontecia na década de 80.

Interpretados pelos atores Johnny Massaro, Renata Carvalho e Vitor Camilo, os personagens - os primeiros soldados - vão vivenciar situações que os soropositivos do século XXI desconhecem, como o uso de antirretrovirais precoces exporta-

dos ilegalmente e medicamentos naturais sem eficácia, além de enfrentar sintomas assustadores, como o sarcoma de kaposi, lesões cutâneas que indicavam um câncer desencadeado pelo HIV.

Soldados que não estão na História oficial

O narrador é o próprio diretor do filme, que destaca como o estigma da Aids ainda é presente no século XXI. Mas, assistir "Os Primeiros Soldados" também é uma lição sobre a importância da Ciência,

do Sistema Único de Saúde e da prevenção em uma pandemia.

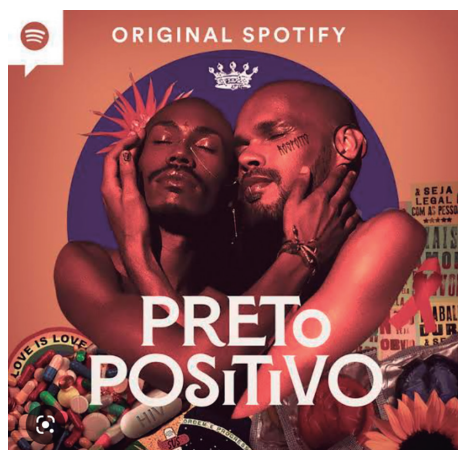
Desde que o tratamento com antirretrovirais mais modernos tornou-se acessível, viver uma vida saudável com HIV tornou-se realidade para pessoas de todas as classes sociais.

Graças ao ativismo para reivindicar direitos, em 2022 o tratamento e acompanhamento médico regular tornam o vírus indetectável no organismo e, portanto, intransmissível para outras pessoas.

Não apenas vítimas da primeira onda da pandemia de HIV/Aids, mas principalmente combatentes, o biólogo Suzano, a transexual Rose e o videomaker Humberto enfrentam o desconhecido e o isolamento, apoiando-se mutuamente.

"O filme tenta contar uma história paralela à narrativa oficial. Contamos a luta das primeiras pessoas que viveram com HIV no Brasil. Luta que deveria fazer parte da História oficial, tanto quanto qualquer guerra ou batalha", defende o cineasta.

Preto Positivo conta histórias de negros soropositivos



Infectologistas, ativistas, artistas e parceiros são alguns dos entrevistados no primeiro podcast brasileiro com recorte

racial dedicado ao HIV/Aids. Preto Positivo está disponível no Spotify, como parte do Programa Sound Up, uma iniciativa global da Plataforma para apoiar criadores de comunidades sub-representadas.

Idealizado pelos artistas e ativistas Emer Conatus e Raul Nunnes, os episódios apresentam histórias pessoais e conversas com especialistas e convidados, como o cantor Rico Dalasam, o apresentador Alberto Pereira Jr, a artista Micaela Cyrino e as mães dos criadores, Esmeralda e Carmem, respectivamente.

No episódio de estreia, Emer e Raul fazem um panorama de suas histórias e contam aos ouvintes como foi o processo de descoberta da presença do vírus em suas vidas. Além disso, conversam sobre o tema

relacionando-o à saúde, relacionamentos, afeto, amizades e família sob a perspectiva de classe, negritude, gênero e sexualidade.

Não à sorofobia

Destaque também para os episódios que abordam o racismo institucional no sistema de saúde, machismo e masculinidades negras, a transmissão vertical e a sorofobia corporativa.

Apostando na ideia de naturalizar a conversa sobre o tema, o podcast trata o HIV como um personagem, interpretado pelo ator Leo Braz. "Não estamos mais nos anos 80; pessoas soropositivas estão em todos os lugares e são capazes de fazer tudo, mas o imaginário sobre isso ainda precisa ser atualizado", explica Emer Conatus.

EXPEDIENTE

Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Fábio Santos de Moraes
Vice-Presidente

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Andréia Oliveira de Souza Soares
Secretária de Comunicações Adjunta

Rita de Cássia Cardoso
Secretária de Políticas Sociais

Richard Araújo
Secretário Adjunto de Políticas Sociais

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Fábio Santos de Moraes

Roberto Guido
Walmir Siqueira

Andréia Oliveira de Souza Soares
Leandro Alves Oliveira

Silvio de Souza
Rita de Cássia Cardoso

Richard Araújo
Miguel Noel Meirelles

Flaudio Azevedo Lima
Francisco de Assis Ferreira
Paula Cristina Oliveira Penha

Texto e Edição:
Ana Maria Lopes - Mtb 23.362

Produção:
Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 12 mil exemplares

